O DEUS VULNERÁVEL EM HANS JONAS: UMA LEITURA EM DIÁLOGO COM A TEODICEIA DE LEIBNIZ

Pedro Hernandes Baptistelli (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Patricia Coradim Sita. E-mail: pcsita@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH). Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas/Filosofia – Metafísica

Palavras-chave: conceito; inteligibilidade; sofrimento.

RESUMO

O projeto tem como objetivo analisar o conceito de “Deus vulnerável” na obra de Hans Jonas, buscando compreender seus fundamentos teóricos e o contexto do qual emerge. Metodologicamente, a pesquisa se desenvolve a partir da análise de *O conceito de Deus após Auschwitz* (2016), conduzida por meio da identificação de conceitos-chave e da reconstrução argumentativa do autor, estabelecendo ainda um diálogo com a concepção teológico-filosófica apresentada por Leibniz através de *Ensaios de teodiceia* (2023). A pesquisa permitiu concluir que tanto a tese de Jonas quanto a de Leibniz oferecem respostas ao problema do mal em seus respectivos contextos, mas deixando em aberto as questões sobre a inteligibilidade e responsabilidade divina diante do sofrimento radical.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a responsabilidade e o papel de Deus diante do sofrimento humano remonta a muitos séculos, mas ganha novas nuances na filosofia contemporânea após as rupturas do século XX, que solaparam as crenças modernas ligadas ao progresso linear, científico e moral da humanidade. Dentre essas rupturas, o holocausto se tornou o exemplo mais emblemático. O sofrimento humano provocado por tal evento histórico impôs um desafio sem precedentes às antigas concepções sobre a divindade, abrindo novos horizontes para o debate sobre a presença ou ausência de Deus no mundo marcado pelo mal e pelo sofrimento.

É nesse contexto que o filósofo judeu Hans Jonas (1903-1993) elabora um mito cosmogônico no qual propõe um “Deus vulnerável”, que fundamenta a liberdade radical do mundo ao abrir mão da onipotência e do direito de intervir diretamente na criação. Em *O conceito de Deus após Auschwitz* (2016), Jonas rompe com a tradição platônico-aristotélica da teologia filosófica, que concebia a bondade, a onipotência e a inteligibilidade como atributos igualmente necessários do divino. Em seu lugar, Jonas oferece um Deus que sofre pelo mundo e está sujeito ao

seu devir. Essa proposta, embora motivada pela sensibilidade ética diante do sofrimento, levanta sérias dificuldades filosóficas. Diante disso, o projeto tem como objetivo analisar o conceito de "Deus vulnerável" na obra de Hans Jonas, buscando compreender seus fundamentos teóricos e o contexto do qual emerge.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se desenvolve a partir da análise de *O conceito de Deus após Auschwitz* (2016), conduzida por meio da identificação de conceitos-chave e da reconstrução argumentativa do autor, visando evidenciar tanto a coerência interna quanto as dificuldades presentes em sua proposta. O trabalho também incorpora uma discussão crítica que coloca em diálogo o conceito de "Deus vulnerável" com a concepção teológico-filosófica apresentada por Leibniz através de *Ensaios de teodiceia* (2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez que Jonas não formula sua proposta filosófica de forma puramente abstrata, mas em resposta a um contexto histórico-filosófico específico, torna-se necessária a explicitação desse contexto a partir do qual a sua reflexão emerge. Para Jonas, o holocausto, representado por Auschwitz, é um evento-limite que desafia as categorias teológicas e metafísicas vigentes. O desconforto diante do sofrimento de inocentes e do silêncio de Deus impôs-se ao autor na formulação do que ele mesmo chama de uma teologia francamente especulativa.

A teologia filosófica sustentava que Deus é necessariamente bom, onipotente e inteligível. Todavia, o holocausto introduz na experiência histórica a ausência de qualquer sentido pedagógico diante do sofrimento radical das vítimas. Se Deus permanece onipotente e bom, na melhor das hipóteses, permitiu Auschwitz podendo impedi-lo, o que acarreta sérias consequências morais e existenciais. Desse modo, Jonas propõe uma reformulação ontológica do conceito de Deus, a fim de resguardar tanto a bondade quanto a inteligibilidade divina, mas sacrificando a onipotência. A inteligibilidade divina é entendida como a exigência de que o conceito de Deus permaneça minimamente pensável, estando ligada à inteligibilidade moral do mundo.

Nesse sentido, Jonas conta um mito em que, no ato da criação, Deus renuncia à onipotência, entregando-se inteiramente à experiência do mundo e fundamentando sua liberdade radical. O autor chama isso de imanência incondicional, distinguindo-a da imanência panteísta, para a qual Deus e o mundo seriam idênticos. Essa distinção, no entanto, é incerta do ponto de vista metafísico. Jonas não recorre ao mito por abandonar a pretensão filosófica, mas buscando responder a um limite específico da argumentação conceitual. A desmitologização do mito possibilita torná-lo inteligível, ao mesmo tempo que evita a sua dissolução no conceito, permitindo a Jonas pensar uma relação ontológica Deus-mundo que não poderia ser plenamente expressa pelas categorias tradicionais.

Diante do sofrimento radical introduzido pelo holocausto, a concepção teológico-filosófica da teodiceia encontra sérias dificuldades. Resta investigar em que sentido a tese de Leibniz ainda pode oferecer contribuições ao debate atual sobre a relação entre Deus e o sofrimento. A primeira delas consiste em admitir que a incompreensibilidade nem sempre é uma prova definitiva de contradição. Em seu *Discurso sobre a conformidade da fé com a razão* (2023), Leibniz distingue entre aquilo que é contrário à razão e aquilo que está acima dela. Para ele, os mistérios divinos estão sempre acima da razão humana, mas nunca em oposição a ela, não podendo ser plenamente demonstrados por meio de uma explicação racional.

Assim, poderíamos sustentar que a ausência de uma explicação inteligível para o sofrimento não é uma prova definitiva de que não haja uma explicação inacessível à razão humana. Embora essa defesa não implique necessariamente uma contradição demonstrável, a recorrência ao mistério diante do holocausto não apenas seria insuficiente para explicar o sofrimento radical, como poderia levar à sua banalização, correndo-se ainda o risco de retirar o horror ou até mesmo de justificar seu acontecimento.

Outra contribuição relevante de Leibniz se encontra nos *Ensaios de teodiceia* (2023) propriamente ditos. A teodiceia é entendida como uma ciência ou doutrina da justiça, sabedoria e bondade divinas. A problematização de Leibniz sobre a existência do mal passa pela rejeição explícita do maniqueísmo: Leibniz nega a existência de dois princípios responsáveis pelo mundo. Para ele, Deus é o único princípio, sumamente bom, justo e sábio. Diante disso, torna-se necessário explicar de que forma Deus pode ser a causa necessária de tudo o que existe, sem que, no entanto, ele seja responsabilizado pelo mal.

Vale destacar que Leibniz classifica o mal em três categorias: o mal metafísico, que consiste na imperfeição das criaturas; o mal físico, que consiste no sofrimento; e o mal moral, que consiste no pecado. O mal metafísico é necessário enquanto uma limitação inerente às criaturas, sem a qual elas se tornariam divinas. O mal moral, por outro lado, não é necessário em si mesmo, uma vez que não é desejado pela vontade antecedente de Deus. No entanto, esse mal é permitido pela vontade consequente, que leva em conta uma série de considerações e escolhe o mundo que representa o conjunto mais perfeito. O mal moral é permitido, não enquanto mal, mas enquanto parte inseparável desse conjunto.

A tese leibniziana considera que havia uma infinidade de mundos possíveis presentes no intelecto de Deus desde a eternidade. A vontade antecedente se inclinava para cada bem considerado de forma isolada. Porém, os mundos possíveis disputavam entre si pela existência através da vontade consequente, que escolhe sempre o melhor. Pela vontade antecedente, Deus deseja o bem e a felicidade de todas as criaturas, ao mesmo tempo que, pela vontade consequente, traz à existência um mundo que engloba a presença do mal e do sofrimento. No entanto, essa tese é insatisfatória para explicar o sofrimento concreto de um grande número de criaturas, sob o pretexto de uma suposta perfeição do conjunto.

Sobre o mal físico, Leibniz o entende como tudo aquilo que nos desagrada e é oposto ao bem físico, afirmando que Deus muitas vezes o quer em razão de três

dimensões complementares: a dimensão punitiva, a dimensão admonitória e a dimensão pedagógica. Primeiramente, o mal físico é um castigo justo pelo mal moral. Além disso, ele também possui uma função de advertência ou reprimenda divina. A isso também se soma o aprendizado que pode se obter do mal. Essas três dimensões podem se aplicar a males menores, para os quais ainda é possível atribuir algum horizonte de sentido. No entanto, é inegável que também há sofrimentos absurdos, dos quais não conseguimos extrair nenhum proveito. Diante disso, a afirmação de que haveria padecimentos merecidos ou com sentido pedagógico encontra certos limites. Auschwitz se tornou o símbolo de um evento histórico que impossibilita a atribuição de sentido inteligível para todo e qualquer tipo de mal físico.

CONCLUSÕES

Diante disso, pode-se concluir que nenhuma das duas teses apresentadas conseguiu solucionar os problemas da inteligibilidade e da responsabilidade pelo sofrimento de forma definitiva. O problema atual também consiste em determinar o que podemos exigir da inteligibilidade divina diante do sofrimento radical. A proposta jonasiana preserva a bondade e a inteligibilidade divinas, mas deixa em aberto as dificuldades metafísicas relativas à relação ontológica Deus-mundo. Por outro lado, Leibniz preserva a onipotência e a bondade divinas, mas não resolve as consequências éticas e existenciais da recorrência ao mistério. Cabe a cada um refletir sobre essa questão, levando em consideração tanto os pressupostos de sua tradição teológico-filosófica quanto a sensibilidade diante de implicações éticas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Fundação Araucária, sem a qual a realização desta pesquisa não seria possível. Além disso, gostaria de agradecer também à minha orientadora, Patricia Coradim Sita, e aos meus pais que, desde a minha infância, sempre me incentivaram a uma vida de leitura e estudos.

REFERÊNCIAS

LEIBNIZ, G. W. **Ensaios de teodiceia:** sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.

JONAS, H. **O conceito de Deus após Auschwitz:** uma voz judia. São Paulo: Paulus, 2016.